

OS FUNCIONÁRIOS

olga ravn

«Mais belo é impossível:
beleza e nostalgia no universo infinito.»

Berlingske

ELSINORE

*Muito obrigada, Lea Guldditte Hestelund.
Este livro não existiria sem as suas instalações e esculturas.*

A recolha destes depoimentos teve como objetivo perceber de que modo os funcionários se relacionavam com os objetos das salas. Durante 18 meses, o grupo de trabalho entrevistou todos os funcionários, fazendo-lhes sobretudo perguntas sobre a sua relação com as salas e os seus respetivos objetos. Através do registo de opiniões livres de preconceitos, tentámos obter informações sobre o fluxo de trabalho no local e investigar qual a eventual influência dos objetos sobre os funcionários. Procurámos também perceber de que forma essa influência ou porventura essas relações resultavam em mudanças permanentes nos funcionários e, além disso, determinar em que medida se pode dizer que pioravam ou melhoravam o desempenho das suas tarefas laborais, a sua compreensão do que se pretendia com cada tarefa, a aquisição de novos conhecimentos e capacidades, e, em última instância, quais as consequências para a produção.

DEPOIMENTO 004

Não é difícil limpá-los. Acho que a grande faz uma espécie de zumbido, ou é só a minha imaginação? Mas talvez não seja isso que querem saber, ou é? Não tenho a certeza, mas não é uma *ela*? Os cabos são compridos, compostos por fios azuis e prateados. Mantêm-na de pé com uma presilha de couro cor de vitelo com costuras brancas bem visíveis. De que cor são os vitelos, já agora? Nunca vi nenhum. Do abdómen sai-lhe uma coisa... como é que se chama?... Bem, uma coisa comprida e cor-de-rosa com a forma de uma corda, quase parece o rebento fibroso de uma planta. Ela demora mais a limpar do que os outros. Normalmente uso uma escovinha. Um dia, ela pôs um ovo. Se querem mesmo saber a minha opinião, acho que não a deviam ter sempre suspensa daquela maneira. O ovo caiu e partiu-se. O conteúdo do ovo estava espalhado no chão abaixo dela, e a extremidade fibrosa do rebento estava imersa no líquido. Acabei por limpar tudo. Nunca tinha contado isto a ninguém. Se calhar cometi um erro. No dia seguinte, havia um zumbido na sala. Não era bem um zumbido, porque era mais alto do que um simples zumbido: era mais como o som de uma corrente elétrica. E no dia seguinte ela já não fazia barulho. Não fez um único som desde então. Será um sinal de tristeza? Uso sempre as duas mãos. Não sei dizer se os outros ouviram alguma coisa ou não. Costumo ir até lá quando estão todos a dormir. Não custa nada manter o sítio limpo. Transformei-o num mundo só meu. Falo com ela enquanto descansa. Até pode não parecer grande coisa, visto daqui. Só há duas salas. Provavelmente diriam que é um mundo pequeno, mas não é assim tão pequeno para quem tem de o limpar.

DEPOIMENTO 012

Não gosto de entrar na sala. Os três que estão no chão parecem ser particularmente hostis, ou então são apenas indiferentes. Como se quisessem magoar-me com a sua profunda indiferença. Não percebo porque sinto esta necessidade tão premente de lhes tocar. Dois deles estão sempre frios, o outro, quente. Mas, como mudam de temperatura, nunca sei qual dos três está quente a dado momento. É como se se carregassem uns aos outros, ou transferissem alternadamente toda a energia para um deles. Por vezes, nem sei ao certo se são todos parte de um só ou se existem os três como unidades separadas e individuais que se reconhecem umas às outras. Já vi sinais de intimidade entre eles. Assusta-me, odeio-a. Já vi muitos como eles. É como se um deles pudesse ser sempre qualquer um dos outros. Como se não existissem por si mesmos, mas enquanto ideia ou reflexo de cada um dos outros. Podem sempre multiplicar-se, gerar outros e formar grupos maiores ou menores. Nas encostas, quase parecem uma espécie de eczema. Mas, como eu disse, não gosto de lá entrar. Obrigam-me sempre a tocar-lhes, mesmo quando não o quero fazer. Falam uma língua que me subjuga quando entro na sala. Na língua deles, dizem-me que são muitos, não um só, e que um deles é a repetição de todos eles.

DEPOIMENTO 006

Quando comecei a ter este sonho? Deve ter sido depois das duas primeiras semanas. No sonho, todos os poros da minha pele estão bem abertos, e vejo que há uma pedrinha em cada um deles. Sinto que não me reconheço. Coço-me sem parar e acabo por abrir feridas na pele.

DEPOIMENTO 002

Foi no sétimo dia. Vestimos os uniformes verdes. Bebi leite. Menti ao comandante, para não ser a primeira a ir. Senti-me como uma estranha ali, e beije o copiloto na cara. Quando penso no corredor de transmutação onde nos encontramos e na paisagem lá fora, quando percorremos o vale pela primeira vez, onde o comandante deixou cair um cacho de uvas verdes, e como depois do trabalho tomámos banho num rio — a água estava tão fria que ficámos com as mãos e os pés vermelhos —, não parece que já tínhamos o destino traçado? De manhã, eu saía com os baldes nas mãos e o Sol ficava suspenso nas árvores, que estavam sempre húmidas e brilhavam como um dos catálogos que vocês nos deram. Eu era verde e muito translúcida, como um fruto à luz do Sol. O copiloto reconfortou-me, o livro dele ainda está aberto junto à sua tarimba, e eu deixo-o lá ficar, como se fosse um marcador de livros nas páginas da nossa história. Quando se apagam as luzes a bordo da nave, também ouço o objeto que zumba, e que começa a zumbir quando ele não está. É o mais pequeno de todos. Encontrámo-los debaixo de um arbusto. Foi no sétimo dia, e o copiloto acompanhou-me no corredor de transmutação. Embora tivéssemos dado os trabalhos do dia por terminados e fechado tudo, essa noite guiei-o até à colina. Ele tinha um pacote de pastilhas elásticas no bolso, e ofereceu-me uma. Foi lá, no escuro, que desenterrei dois deles. Acho que já não estão cá. Fiquei com as mãos vermelhas, porque não estava habituada àquele género de esforço físico. Foi depois de a terra se ter tornado de novo maleável com a diferença de temperatura. Ao início,

eu deveria supostamente trabalhar no escritório, mas depois precisaram de ajuda e eu dei-lhes uma mãozinha. Ouvi dizer que o [eliminado] morreu, e que tiveram de pôr todos em quarentena. Lembram-se daquela corrente estranha que encontramos no sopé da colina no primeiro dia? Acho que o copiloto não me vai esquecer. Não sei se vocês vão falar com ele. Não sei onde é que ele está agora, e se vão falar com ele ou não. Se falarem, peçam-lhe que não se esqueça de mim. Digam-lhe que não posso ser transferida e que se lembre de que fui eu quem o beijou e o levou à colina, e que caiu orvalho naquele período entre a noite e o dia, e que lá também ouvimos o zumbido. O som pareceu subir até nós, como água a ascender da terra. E vi como ele me olhava com outros olhos. Gostaria de lhe mostrar muitas coisas, mas só quando tudo estivesse no sítio certo, e agora é possível que isso nunca venha a acontecer. Preferia estar noutra sítio qualquer, quem me dera não estar aqui. Não, não tem nada que ver com as salas. Pelo menos, penso que não. Espero que estejam a fazer progressos com o vosso trabalho. Espero que o trabalho que têm de fazer vos esteja a correr bem. Espero que ele não morra, embora saiba que é provável que sim.

DEPOIMENTO 014

O primeiro odor que sente ao entrar na sala é delicado, e paira ali mesmo: cheira a limão ou a caroço de pêssego. Vocês que estão aqui sentados à mesa, à minha frente, veem-me como uma criminosa? Gosto bastante da sala, de passar lá o meu tempo livre. Acho-a muito erótica. Reconheço o meu sexo no objeto suspenso. Ou o sexo que tenho na nave Seis-Mil. Sempre que olho para o objeto, sinto o meu sexo entre as minhas pernas e entre os meus lábios. O meu sexo humedece. Quer tenha ou não alguma coisa lá. Os caçadores da minha equipa chamam a este objeto *o dildo com arnês invertido*. Pode parecer um termo grosseiro, mas pronto, está dito, e quanto a este assunto não partilho necessariamente a vossa forma de ver as coisas. Talvez seja por isso que me encaram como uma criminosa. Meio humana, feita de carne e tecnologia. *Demasiado viva*.

DEPOIMENTO 015

Estou muito satisfeito com o meu complemento. Penso que deviam adicionar um complemento a outros colegas. O complemento sou eu, mas ao mesmo tempo não sou eu. Tive de mudar por inteiro para assimilar esta minha nova parte que, segundo vocês, também sou eu. Que é carne e não é carne. Tive medo quando acordei da operação, mas essa sensação depressa desapareceu. Agora tenho melhor desempenho do que todos os outros. Sou uma ferramenta muito útil à tripulação. O que me confere um certo estatuto. Só ainda não me habituei aos sonhos. Sonho que não existe nada no sítio onde tenho o complemento. Que o complemento se separou de mim, ou que talvez nunca tenha sido parte de mim. Que nutre uma profunda antipatia por mim. Que paira no ar acima de mim e me ataca. Quando acordo de um destes sonhos, dói-me um pouco o complemento, e quase sinto ter dois, e não um só: um complemento onde supostamente ele deve estar, e outro que flutua acima dele — um complemento invisível para mim, mas que existe na escuridão em que durmo, que se origina no meu sono.

DEPOIMENTO 011

O aroma no quarto tem quatro corações. Nenhum destes corações é humano, e é por isso que me atraem. Este aroma é à base de terra, líquenes, incenso e o cheiro de um inseto preso em âmbar. É um aroma castanho. Pesado e duradouro. Por vezes, perdura uma semana, sinto-o na pele, no nariz. Conheço o odor a líquen porque vocês o implantaram dentro de mim, tal como me implantaram a ideia de que só devia amar um homem, ser fiel a um só homem, e que devia permitir que ele me seduzisse. Aqui, todos nós estamos condenados a sonhar com o amor romântico, embora ninguém que eu conheça ame dessa maneira ou tenha esse género de vida. No entanto, esses são os sonhos que vocês nos concederam. Reconheço o cheiro do líquen, mas desconheço a sensação de lhe tocar com uma mão; no entanto, é como se esta guardasse em si uma vaga percepção: na orla de uma floresta, contemplo o mar enquanto acaricio, com a palma da mão, um líquen no tronco de um carvalho. Esclareçam-me, por favor — implantaram esta sensação em mim? É parte do programa? Ou a imagem surgiu espontaneamente dentro de mim?

DEPOIMENTO 013

Já me sentei muitas vezes naquela sala. Enquanto esperava. A sala não tem janelas, mas há uma porta à esquerda e um corredor à direita. As paredes são brancas, e o chão cor-de-laranja. Há um banco em forma de L no meio da sala, e nichos nas paredes, onde se pode pendurar o nosso fato enquanto esperamos. É nessa sala que mais gosto de me sentar. Pode-se estar lá a sós, em paz. É possível abrir uma área no teto, uma claraboia circular que permite a entrada de uma coluna de luz: primeiro, põem-se as mãos na luz, depois os pés descalços, e por fim a cabeça. É uma sensação maravilhosa, é como se nos lavássemos. Uma vibração de expectativa percorre o corpo e estremece-se um pouco, como se se apanhasse um choque elétrico. Ou será mesmo um choque elétrico? Vocês sabem o que é? É um choque elétrico? Depois, fica-se pronto para entrar na sala. Quando não se é humano o suficiente, ou quando não se tem a postura correta ou se negligenciou o respetivo trabalho, ou, bem — se me permitirem a franqueza —, quando, de alguma maneira, se incomodou a organização, pode-se esperar tanto quanto se quiser que a coluna de luz não vai aparecer. E não se pode entrar na sala. Não se está limpo.

DEPOIMENTO 010

Não entrem na segunda sala. Não é um sítio agradável. Vocês têm escolha, não são obrigados a entrar na sala. Podem obrigá-nos a entrar no vosso lugar. Já estivemos lá dentro. Vocês ainda se podem salvar. Não sei se ainda sou humano. Sou humano? Nos vossos documentos está descrito o que eu sou?

FINALISTA DO INTERNATIONAL BOOKER PRIZE 2021

A milhões de quilómetros da Terra, num futuro longínquo, humanos e humanoides trabalham lado a lado a bordo da nave Seis-Mil. São meros funcionários. Uns nascem e morrem; outros são criados e vivem para sempre. O contacto próximo com um conjunto de objetos estranhos recolhidos no planeta Nova Descoberta altera inesperadamente o comportamento da tripulação e a perceção que cada um tem de si mesmo. Uma comissão de avaliação é chamada para recolher depoimentos e aferir os efeitos desta ligação. Serão os objetos sencientes? Estarão os humanoides a tornar-se mais humanos? Trabalhar será o mesmo que viver?

Considerado pela crítica internacional uma revelação literária, *Os Funcionários* é um romance de ficção científica, poético e filosófico que, à laia de uma distopia moderna, lança uma crítica à supremacia do trabalho e da lógica da produtividade, ao mesmo tempo que explora as noções de identidade e felicidade.

«Uma sátira audaz à linguagem empresarial e ao trabalho no capitalismo tardio, bem como uma investigação atraentemente sonhadora sobre o significado de ser humano.»

The Guardian – Melhor Livro de 2021

«Tem tudo o que espero de um romance.
Uma obra de arte assustadoramente brilhante.»

Max Porter

«Olga Ravn é Samuel Beckett,
se este tivesse escrito o guião para *Alien*.»

ActuaLitté



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789896233389



9 789896 233389 >